



PARA COMPOR ESTRATÉGIAS CARTOGRÁFICAS PÓS- REPRESENTACIONAIS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Daniele Prates Macedo
macedodani@hotmail.com

Mestre em Geografia pela Universidade
Federal de Pelotas (UFPel).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6993-2007>

Rosangela Lurdes Spironello
spironello@gmail.com

Doutora em Geografia pela Universidade de
São Paulo (USP). Professora do Instituto de
Ciências Humanas e do Programa de Pós-
Graduação em Geografia da Universidade
Federal de Pelotas (UFPel).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9272-2040>

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade apresentar uma interpretação de produções teóricas brasileiras, pertinentes a temática cartográfica voltada para a Educação Geográfica. Olhares que convergem para estratégias pós-representacionais, ou seja, que compreendem o mapa como espaço de ação política que se abre para múltiplas espacialidades. A metodologia utilizada para a realização deste artigo é a revisão bibliográfica, onde evidenciamos os mecanismos de buscas e filtros do Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES que nos conduziram a determinados referenciais. Quanto aos resultados e discussões que se apresentam a partir desta revisão, evidenciam-se três perspectivas que envolvem a noção de cartografia, que são: a cartografia com base na filosofia de Deleuze e Guattari, a Cartografia Geográfica que trabalha com a subversão da linguagem cartográfica e a Nova Cartografia Social que se manifesta no cenário dos conflitos territoriais. A partir da nossa interpretação, considera-se a necessidade de investigação e inclusão de tais cartografias nos processos educativos formais dos profissionais da área de Geografia, assim como, compreender como tais práticas influenciam a construção de um entendimento sobre o espaço.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Geográfica, Cartografia pós-representacional, Rizoma, Cartografia Geográfica, Cartografia Social.

TO COMPOSE POST-REPRESENTATIONAL CARTOGRAPHIC STRATEGIES IN GEOGRAPHICAL EDUCATION

ABSTRACT

The purpose of this article is to present an interpretation of Brazilian theoretical productions relevant for Geographical Education that converge for post-representational strategies cartographic, in other words, that understand the map as a space of political action that opens to multiple spatialities. A methodology used is bibliographical review, where it is evidenced the search mechanisms and the filters of Google Scholar and CAPES's Portal of Periodical that led us to certain references. These are the Cartography based on the philosophy of Deleuze and Guattari; Geographical Cartography that works with a subversion of the cartographic language; and the New Social Cartography connected of the territorial conflicts. Based on our interpretation, we consider the need to research and include such cartographies in the educational of professionals in the area of Geography, and understand how this practical can influence the construction of space.

KEYWORDS

Geographic education, Post-representational cartography, Rhizome, Geographic Cartography, Social Cartography.

A complexidade do tema e alguns desdobramentos iniciais

Disputas cartográficas, binarismos que demarcam relações de poder hierarquizantes impõem uma Cartografia marcada por uma espacialidade cartesiana, espaço de narrativas privilegiadas para alguns, que produz ou reforça desigualdades e a subordinação de outros. A Cartografia com base no paradigma cartesiano entende o mapa enquanto significado de "representação da realidade" e naturaliza o espaço euclidiano como possibilidade primeira e algumas vezes até única para a Cartografia Escolar.

Apresenta-se, enquanto linhas de fuga a esta produção, estratégias cartográficas pós-representacionais, que deslocam a compreensão de mapa para gesto cultural, construído a partir de uma visão de mundo, carregado de intencionalidade, de ponto de vista, evidenciando uma mobilização política no mapa, sendo o espaço compreendido enquanto possibilidade existencial da multiplicidade, conforme nos aponta Girardi (2011, p. 5):

[...] uma cartografia pós-representacional, que foge do aparente anonimato político construído à luz de uma ideia de representação, e busca apresentar uma imagem que evidencie, não um quadro que se pretende "espelho" do real espacializado, mas uma mobilização política no espaço criado pelo mapa.

Estratégias cartográficas que visam escapar de uma visão cartesiana da cartografia permitem pensar o mapa pela sua capacidade processual e de reflexão que resulta na comunicação das diferentes culturas que coexistem em suas formas de pensar e agir no espaço, fazendo deste, estratégia de resistência e legitimação das mesmas. Cabem esforços para refletir como tais práticas na formação de professores de Geografia e no ensino de Geografia proporcionam outros entendimentos sobre o espaço, envolvendo o uso da linguagem cartográfica, mobilizando os aspectos políticos do espaço e da Cultura Cartográfica.

A importância das outras Cartografias nesta disputa visa à desmistificação da linguagem cartográfica enquanto meio para a comunicação de uma realidade, de um espaço que já está dado, de mapa enquanto cópia, mero reflexo do mundo. Chama-se a atenção para isso, pois quando se menciona uma Cartografia Cartesiana, não se trata somente da utilização de um plano cartesiano, mas sim de gestos na cultura, obras políticas, que se apresentam como coloca Oliveira (2011, p. 3), enquanto justificativa de uma razão instrumental, mas que são também, “estratégias de retirada das razões políticas como mediadoras das ações humanas, [...] que buscam fazer o mundo, funcionar e ser pensado como algo racional e pragmático”.

Os mapas fazem parte da formação cultural da humanidade. A partir da linguagem cartográfica pode-se conhecer e expressar as transformações vividas pelas sociedades e a coexistência das múltiplas histórias no espaço, ou seja, esta contribui para a própria (re)produção do espaço por meio dos sentidos que atribuem a este, contribuindo na produção de memórias espaciais. Atentando para a compreensão de mapa que envolve seu contexto de produção e os impactos que o mesmo pode causar, assim como, os sentidos que estes atribuem ao espaço, precisamos nos apropriar de outras perspectivas cartográficas para ampliar as possibilidades de leitura, comunicação e expressão do mundo a partir dos mapas.

É de fundamental importância o contato com linguagens cartográficas prontas, mas também com o processo de construção desta linguagem, pois por meio da elaboração de mapeamentos, passamos a compreender o uso do mapa como instrumento de investigação, que possibilita leituras e interpretações diversas da realidade. Assim como, é possível contrapor estes diferentes mapeamentos do cotidiano aos mapas oficiais, aos produtos cartográficos prontos que nos são apresentados, seja nas escolas e outras instituições ou nos meios de comunicação. Permitir aos envolvidos reconhecer que a elaboração de mapas é um movimento criativo entre o saber científico integrado

aos aspectos subjetivos e perceptivos de um sujeito ou povo, contribuindo para uma compreensão sobre o mapa para além da cópia.

Pretende-se com esta proposta, trazer à luz do nosso diálogo, três perspectivas que tem se apresentado em pesquisas e práticas envolvendo o entendimento, noções de cartografias nas Ciências Humanas. Primeiramente, a cartografia com base em Deleuze e Guattari e que adentra diferentes campos das ciências com ênfase para a Educação e a Psicologia; segundo, a Cartografia Geográfica que urge dentro da própria Geografia com propostas de subversão da linguagem cartográfica; e por fim, propostas que convergem para o enfoque como o da Nova Cartografia Social da Amazônia, que se manifesta e se constrói a partir da mudança de conteúdo do mapa e não necessariamente subverte a linguagem cartográfica, no entanto propõe uma auto-cartografia das diferentes territorialidades, é o colocar-se enquanto conteúdo do mapa.

Justifica-se que a inclusão de literatura nessas três frentes se dá por entender que estas não excluem umas as outras, mas sim complementam-se de acordo com os múltiplos contextos sociais em que vemos a possibilidade de atuação da cartografia, pois esta se apresenta como um sistema aberto a possibilidades e diversas conexões.

Terminologias

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras,
creio que fazemos coisas com as palavras e, também,
que as palavras fazem coisas conosco.

BONDÌA, Jorge

Na perspectiva com base em Deleuze e Guattari a terminologia utilizada é cartografia, sendo esta escrita com a letra inicial minúsculo para diferenciá-la da Cartografia maior já estabelecida enquanto ciência das representações gráficas. Mas, porque falar em Deleuze e Guattari se estes não tratam exatamente da Cartografia “dos Geógrafos”? Pois, esta perspectiva da noção de cartografia e os autores que a norteiam são fundamentais para compreender as transformações na Cartografia Geográfica. Como Jorn Seemann (2012) nos coloca é a luz das teorias sociais pós-críticas, que se passa a repensar a Cartografia, reaproximando Geografia e mapa sob a ótica de filósofos como Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze.

A “virada espacial” foi um movimento de transição epistemológica, que se caracteriza por evidenciar uma preocupação maior com a dimensão espacial da existência humana e dos processos sociais, conseqüentemente com as definições pelas

quais o conceito de espaço estava sendo interpretado em sua relação com o tempo. Ou seja, a análise dos fenômenos a partir da perspectiva espacial pelas quais ocorrem os processos de diferenciação, mais do que com uma supremacia de progresso temporal do espaço, e que condiciona o espaço como nos remete Massey (2008), a ser frequentemente excluído ou inadequadamente conceituado na sua relação com o político.

No que concerne a Cultura Cartográfica, a “virada espacial” mobilizou uma inquietação nos Geógrafos, questionando os contextos de produção e de uso dos mapas, como estes se estabeleceram no discurso científico e como atuam no social, ou seja, perspectivas que levam a identificar como os mapas agem para se transformarem em fatos, ainda que provisórios, contribuindo para os sentidos atribuídos aos espaços, as identidades e as diferenças, ou seja, uma preocupação com o objeto em si e suas interações socioculturais enquanto linguagem.

O que nos conduz a aqui denominada Cartografia Geográfica, e que na revisão apresenta duas terminologias bem fundamentadas, diretamente relacionadas ao campo da Educação Geográfica, que são: as ‘Cartografias Alternativas’ proposta de Girardi (2012) e ‘Cartografias Subversivas’ por Seemann (2012). Cartografias Alternativas segundo Girardi (2012) no sentido que o “alternativo” remete ao imaginário, conduzindo ao combate social, justificado pela sua carga em movimentos sociais que remetem a ideia de liberdade e contra-hegemonia, como marco a autora cita o movimento hippie. Ainda reforça esta terminologia com base na língua portuguesa, onde ‘alternativo’ admite alternância, escolha, substituição, oposição... Há que? A Cartografia maior, constante, já estabelecida em padrões normativos por um sistema homogêneo.

Quanto à terminologia Cartografias Subversivas proposta por Seemann (2012), este primeiramente nos lembra a conotação política do termo ‘subversivo’, associado à ditadura militar no Brasil, que conforme Ato Institucional (1968) não se mediria forças para combater a subversão e ideologias contrárias as tradições do nosso povo, ou seja, reprimir o comportamento não conformista e as atividades subversivas de quem não seguia as regras e leis do governo. O autor complementa com a definição de ‘subversão’ proposta no *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* como ato ou efeito de destruir ou perturbar, revolta contra autoridades e instituições ou até como perversão moral. Portanto, conforme destaca Seemann (2012, p. 140):

No contexto da cartografia, subversão implica uma ideia crítica sobre o modelo normativo da disciplina que é geralmente considerada como uma ciência exata baseada em fatos objetivos, cálculos, medições e

convenções (Harley, 1989). A produção de mapas se realiza de acordo com essas regras que definem procedimentos, métodos e práticas. Neste sentido, subverter a cartografia significa questionar e desafiar a visão (pre)dominante (e às vezes excludente) sobre o fazer cartográfico e procurar formas alternativas de representar espaços, lugares e territórios.

Enquanto nos mapeamentos envolvendo os povos e comunidades tradicionais aparecem terminologias como Nova Cartografia Social, mapeamento colaborativo, mapeamento comunitário participativo, etnomapeamento, entre outras terminologias. Tais variações correspondem a práticas metodológicas que as contemplam, sendo aqui no Brasil a expressão de maior visibilidade Nova Cartografia Social, que segundo Almeida, (2013, p.157 apud SEEMANN, 2017, p. 126):

Os idealizadores do projeto salientam que o adjetivo “novo” é usado para indicar que não são trabalhos técnicos nas comunidades que visam “a um traçado de mapas e seus pontos cardeais com vistas à defesa ou à apropriação de um território”, mas buscam “uma pluralidade de entradas a uma descrição aberta, conectável em todas as suas dimensões, e voltada para múltiplas ‘experimentações’ fundadas, sobretudo, num conhecimento mais detido de realidades localizadas (ALMEIDA, 2013b, p. 157).

As terminologias referentes a estas cartografias são diversas, portanto, a fim de abarcá-las, optou-se por Cartografias Sociais no plural, pois são múltiplas em suas concepções teóricas e em suas aplicações metodológicas. No entanto, apesar das diferenças entre as propostas, todas elas se encaminham para um processo de desconstrução do entendimento da Cartografia convencional como a única possibilidade de leitura e compreensão espacial do cotidiano.

Por fim, cabe destacar que esta delimitação de terminologias dentro de determinadas perspectivas é um processo arriscado, por correremos o risco de reduzi-las, aprisioná-las, o que vai à contramão do que é proposto por tais cartografias, em vista que estas se desenham a partir de contextos e sentidos múltiplos. No entanto, também é esclarecedor, pois não cabe generalizá-las correndo o risco de despolitizá-las, pois as terminologias contam também sobre suas acepções políticas.

Metodologia

O presente artigo possui como orientação metodológica a revisão de literatura, exploratória acerca das novas Cartografias, no intuito de trazer à tona um panorama do que vem sendo desenvolvido enquanto produção Cartográfica não cartesiana. No que diz respeito, ao campo teórico que embasa determinadas compreensões de Cartografia,

assim como, em termos metodológicos. Ou seja, como ocorre o desenvolvimento das possíveis práticas e quem são os principais disseminadores envolvidos com estas novas perspectivas. Estes são os pontos, deste emaranhado cartográfico, extraídos desta revisão.

Portanto, a revisão literatura se deu com base nos mecanismos de busca do Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), com foco na busca de Artigos publicados em revistas científicas, revisados por pares. Para encontrar tais publicações alguns filtros foram utilizados, conforme pode-se observar na Tabela 1:

Tabela 1: Mecanismos de busca e filtros utilizados para pesquisa bibliográfica acerca das novas Cartografias

Palavra(s) chave:	Mecanismo de busca e Idioma	Ano	Nº de artigos encontrados
“Cartografia Pós representacional” em qualquer lugar do artigo	Google Acadêmico – páginas em português	A partir do ano de 2010	8 documentos encontrados, 2 selecionados
“Cartografia Geográfica” no título	Google Acadêmico – páginas em português	A partir do ano de 2010	11 documentos encontrados, 1 selecionado.
“Cartografia Geográfica” E “Cartografias Alternativas” em qualquer lugar do artigo	Google Acadêmico – páginas em português	A partir do ano de 2010	8 documentos encontrados, 3 selecionados
“Cartografias Subversivas” em qualquer lugar do texto	Google Acadêmico – páginas em português	A partir do ano de 2010	20 documentos encontrados, 3 selecionados
“Cartografias Sociais” E “Mapeamento Social”	Google Acadêmico – páginas em português	A partir do ano de 2015	18 documentos encontrados, 5 selecionados
“Cartografia” no título AND “Ciências Humanas” em qualquer lugar do artigo	Portal de Periódicos Capes, idioma: português	Nos últimos 10 anos	4 artigos encontrados, 2 selecionados

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Conforme os documentos encontrados fez-se a seleção dos que se caracterizavam enquanto artigos publicados em Periódicos, pois nas buscas apareceram documentos como teses e dissertações. Sendo estes documentos artigos revisados por pares, seguiu-se para a leitura dos resumos, selecionando os que apresentam um panorama adequado do artigo (objetivo, metodologia, resultados e conclusão, conforme a orientação da ABNT

para trabalhos acadêmicos), e que permita saber se o mesmo contém conteúdos pertinentes a esta pesquisa, em termos teóricos e práticos acerca da Cartografia.

Por fim, buscou-se a avaliação do Periódico pela Capes, onde preferencialmente optou-se por revistas avaliadas com Qualis B2 ou mais. No entanto, houve artigos selecionados, independente da avaliação da Capes quanto ao Periódico, pela qualidade dos trabalhos. Há exemplo do artigo de autoria da Prof.^a Dr.^a Gisele Girardi que já possui outros artigos na revisão, assim como, pelo seu conhecimento e vastas contribuições à temática; E dos autores Lima; Junior (2011) por trazerem o que chamam de problemática subjacente à ideologia dos mapas sociais, nos atentando para os riscos de tais metodologias, e que foi um diferencial em seu artigo. Na Tabela 2, segue os artigos selecionados:

Tabela 2: Lista de artigos selecionados para a revisão de literatura acerca das novas Cartografias

Título do Artigo	Autor (Ano)	Revista	Qualis
Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação.	DE OLIVEIRA, Marilda Oliveira; MOSSI, Cristian Poletti (2014).	Conjectura: filosofia e educação	B2
Cartografia e arte: novas linhas para pensar e falar de mapas, educação e geografia na atualidade.	DO CANTO, Tânia Seneme (2014).	Raega-O Espaço Geográfico em Análise	A2
Funções de Mapas e Espacialidade: elementos para modificação da cultura cartográfica na formação em Geografia.	GIRARDI, Gisele (2014).	Revista Brasileira de Cartografia	A2
Cartografia Geográfica: Entre O "Já-Estabelecido" E O "Não-Mais-Suficiente".	GIRARDI, Gisele (2014).	Raega-O Espaço Geográfico em Análise	A2
Cartografias alternativas no âmbito da educação geográfica.	GIRARDI, Gisele (2011).	Revista Geográfica de América Central	B3
Mapas alternativos e educação geográfica.	GIRARDI, Gisele (2012).	PerCursos	B1
Subvertendo a cartografia escolar no Brasil.	SEEMANN, Jörn (2012).	Geografares	B2
Mapas Sociais: gênese e aplicação na Amazônia brasileira.	LIMA, Lucas P. das N. Souza; JÚNIOR, Dante Flávio da C. Reis (2011).	Revista Geográfica de América Central	B3

Na floresta da cidade: experiências de mapeamentos sociais de indígenas na Amazônia urbana.	DAOU, Ana Maria Lima (2015).	NAU Social	B4
A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais.	PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão (2013).	Barbarói	B2
O mapa como criação de resistências.	DAL PONT, Karina Rousseng (2014).	Raega-O Espaço Geográfico em Análise	A2
Cartografias subversivas e Geopoéticas.	FRANCO, Juliana Rocha (2012).	Geografares	B2
Conflitos socioambientais no campo em Apodi - RN: contribuições propositivas da Cartografia Social.	DA ROCHA, Brenda Thais Galdino et al. (2016).	Revista Geografar	B1
A construção de mapas sociais para o reconhecimento dos problemas ambientais e a busca da qualidade de vida da comunidade da praia das Fontes, Beberibe–Ceará.	EVANGELISTA, Ana Nery Amaro et al. (2016).	Revista Geografar	B1
Cartografia Social uma ferramenta para a construção do conhecimento territorial: reflexões teóricas acerca das possibilidades de desenvolvimento do mapeamento participativo em pesquisas qualitativas.	DA COSTA, Natane Oliveira (2016).	Acta Geográfica	B1

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Cartografia como metáfora

Os artigos aqui revisados "Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação" de autoria de Marilda de Oliveira e Cristian Mossi e o artigo "A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais" de Kleber Prado Filho e Marcela Teti partem de uma concepção de cartografia que emerge da obra *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari (1995) inspirados na filosofia de Foucault. Assim, a cartografia é entendida a partir de um modo de pensar rizomático, e do conceito de dispositivo de Foucault.

Assim, a cartografia aqui apresentada não se refere a territórios, mas a campos de forças e relações; diz mais respeito a movimentos do que propriamente a posições fixas; desdobra-se no tempo, mas também no espaço, além de incorporar os métodos históricos de Foucault – o eixo metodológico saber-poder-subjetividade – à medida que se apresenta como método de análise de dispositivos. (FILHO; TETI, 2013, p. 48)

O modo de pensar rizomático formulado a partir da obra *Mil Platôs* remete-se a uma metáfora botânica, onde o rizoma, raiz, parte subterrânea, portanto invisível, que se difere do caule por se desdobrar horizontalmente em direções variáveis, não possui um centro de convergência, sua forma é indefinida e não hierarquizada, portanto, um sistema aberto à multiplicidade, constituindo-se enquanto uma rede complexa.

Destarte, estes autores entendem a cartografia como pertencente a natureza do rizoma e por isso, vista como possibilidade de desmanchamento do dispositivo e seus componentes, ou seja, estratégia metodológica que encara o mapa como um sistema aberto a criação, com possibilidade de mutação e experimentações, de caráter processual investigativo, sempre inacabado, transitório e que multiplica as possibilidades ao invés de restringi-las.

Cartografia enquanto método de análise e resistência ao dispositivo. Do que trata este dispositivo? Os dispositivos são estratégias de ação que envolvem relações múltiplas e de alternância de saber, poder e subjetivação que se conectam através de redes que envolvem os discursos, as instituições, as leis e regulamentos, a moral, a organização espacial, os conceitos científicos, entre outros e que tem como consequência a objetificação e produção de subjetividades dos/nos sujeitos.

A objetivação refere-se à colocação dos corpos e subjetividades dos indivíduos como objetos para o saber e o poder modernos, implicando toda uma diversidade de sujeições e controles, envolvendo a produção de corpos e de indivíduos concretos, presos a identidades visíveis. A subjetivação implica um movimento do sujeito em relação a si mesmo no sentido de reconhecer-se como sujeito de um enunciado, de um preceito, de uma norma, fazendo com que estes operem no seu próprio corpo, o que envolve um conjunto de trabalhos e práticas de si visando estetizar-se e produzir-se conforme enunciado pelo preceito ou pela norma. (FILHO; TETI, 2013, p. 50)

A partir das ações do dispositivo a cartografia urge como possibilidade de resistência e desmontagem deste, ou seja, como método de análise crítica e como ação política afirmativa de micropoderes. Portanto, não se trata necessariamente de mapeamentos da Cartografia com c maiúsculo, mas de possibilidades de enfrentamento da produção de verdades, objetificação e subjetificação dos sujeitos, sendo as técnicas e metodologias neste processo diversas.

Assim, estes autores se propõem a pensar a cartografia como estratégia metodológica para as ciências humanas, com ênfase para a Educação, destacando que não se trata de método no sentido de procedimentos e regras, mas de postura, análise crítica flexível, processual, que compreende que as realidades são plurais e se apresentam complexas, buscando-se assim, um desacomodar ao ato de pesquisar. Para

tanto, apresentam-se elementos, reflexões e conceitos das obras de Deleuze, Guattari e Foucault que levam ao entendimento da noção de cartografia e os impactos que estas obras exerceram sobre as produções investigativas.

Desse modo, conhecer algo não se limita somente a reconhecer, ou re(a)presentar algo, mas significa também criar/inventar aquilo que se conhece, assim como produzir a si próprio nesse processo. A Cartografia passa a ser não só uma estratégia metodológica, mas também uma postura do pesquisador diante de sua própria vida. (OLIVEIRA; MOSSI, 2014, p. 193)

Os autores destes artigos apontam para uma cartografia como pertencente à natureza do rizoma e que se trata de uma metáfora, no entanto na visão geográfica ao entender a Cartografia como ciência das "representações" gráficas, pode-se conceber que esta produziu saberes que condicionam a sua prática, e que mesmo aqui, apontando para uma noção de cartografia pela sua possibilidade rizomática, ela enquanto ciência em sua essência pode ser entendida também como um dispositivo que produziu saberes e subjetivações que determinam uma forma de pensar sobre o espaço.

No entanto, ela mesma, a ciência Cartográfica, hoje se torna método e modo de enfrentamento do dispositivo. Portanto, a Cartografia como dispositivo normalizante, regulador e que exerce controle sobre o espaço é alvo de estratégias de desmontagem, como? Através de si própria, pois a noção de cartografia rizomática remete-se a possibilidade de (re)criação de si mesmo.

Cartografia geográfica

Na perspectiva da Cartografia Geográfica - CG Gisele Girardi e Jorn Seemann se fizeram pertinentes à reflexão acerca das Cartografias Sociais na Educação Geográfica, assim como, os demais autores que relatam suas experiências a partir do entendimento do mapa como criação de resistências, artigos estes que apresentam uma perspectiva teórico prática que se volta para a subversão da linguagem cartográfica.

Girardi (2011) apresenta o estudo da arte da CG no Brasil, em que avalia os campos hegemônicos e os de desestabilização desta prática, demonstrando que a compreensão de Cartografia passou por um processo de reterritorialização, no que concerne o campo do ensino. A Cartografia que havia passado por uma circunstância de marginalização frente às críticas do movimento de renovação da Geografia passa a consolidar-se por meio da Cartografia Escolar, com inúmeras contribuições, no entanto, sob o foco da Cartografia cartesiana.

Nessa perspectiva os artigos revisados apontam, a partir de uma leitura epistemológica, uma crítica à razão cartográfica, que em vista das necessidades de pensar e agir no espaço amplia a compreensão acerca da Cultura Cartográfica. Refletindo sobre os usos sociais do mapa, do entendimento deste enquanto linguagem, com ênfase para ressignificação dos mapeamentos que evidenciam espaços vividos e percebidos. Portanto, revê-se o próprio entendimento comum dado a Cartografia como ciência de representação do espaço, orientando o uso da linguagem cartográfica para estratégias pós-representacionais.

Em linhas gerais, uma cartografia pós-representacional se assenta na ideia de que não há uma realidade já dada, disponível à apreensão, mas que ela é constituída ou formada por meio das inter-relações que se cria com as coisas, inclusive com os mapas. (GIRARDI, Gisele, 2014, p. 76)

As estratégias pós-representacionais em Cartografia emergem da compreensão que, o mapa é uma (re)criação do mundo, que cria mundos e produz pensamentos e realidades, sendo um espaço de investigação e mobilização. Portanto, pretende-se uma linguagem cartográfica que possa acompanhar as transformações vivenciadas dentro da própria Geografia, propondo uma Cartografia que contribua para a construção de um pensamento espacial crítico e que possa refletir o caráter político dos mapas, desmascarando as naturalizações impostas e que implique em englobar noções de espacialidade distintas das até então hegemônicas nos sistemas de significação e representação cultural.

Girardi (2011a) em seu artigo aponta propostas de cartografias alternativas, tais como: anamorfoses, propostas que denunciam a naturalização da escolha de projeção que compõe o fundo do mapa; mapas psicogeográficos que procuram apresentar o espaço a partir do movimento e dos afetos gerados pelo ambiente no decorrer da experimentação e experiência espacial; mapas híbridos que propõem mapeamentos através de diferentes linguagens, imagéticas ou não, para expor espacialidade e seu processo de produção; mapas virtuais através de plataformas de experimentação espacial que permitem um ativismo virtual com potente possibilidade de atuação na construção de um protagonismo político espacial dos coletivos.

Algumas propostas procuram aproximar a Cartografia e a Arte, como nos remete Seemann (2012) e Canto (2014) no relato de sua experiência, através de colagens, pinturas, poemas em forma de mapa, a (re)criação, um mapeamento através de uma linha para a fuga do mapa convencional ou dos símbolos presentes no mesmo, que permita

reinterpreta-lo. Por fim, no que diz respeito a estas práticas em sala de aula Seemann (2012, p. 157) alerta que:

[...] antes de realizar essa subversão, os professores e alunos precisam ter um conhecimento básico dos princípios e convenções da cartografia. Como poderiam inverter, reverter ou subverter mapas quando não compreendem como a cartografia funciona e que mecanismos de abstração (escala, projeção, simbologia) operam por baixo da sua fachada? A crítica cartográfica começa com o questionamento das bases.

Nova Cartografia Social

Os artigos selecionados remetem a uma noção de Cartografia que tem como principal característica o automapeamento, ou seja, trabalha com a mudança de conteúdo do mapa, assim como, com o deslocamento de quem produz mapas, que se associa também à difusão do uso de Tecnologias de Informação Geográfica.

A produção de mapas não está mais restrita às instâncias hegemônicas de controle do território, e alguns autores consideram que os seus processos de elaboração, no presente, podem ensejar perspectivas de mapeamentos “contra-hegemônicos” que promovem o “empoderamento” de grupos sociais até então silenciados. (DAOU, 2015, p. 134)

Os protagonistas envolvidos nos mapeamentos sociais são sujeitos pertencentes a grupos que se auto-organizam, em consequência das manifestações espaciais que sofrem a partir das políticas territoriais dos agentes hegemônicos, na luta por direitos, por políticas públicas que abarquem suas demandas, pelo reconhecimento territorial, em busca de uma visibilidade e fortalecimento de coletividades, sendo este um processo de estratégia de reprodução social e afirmação identitária.

A Cartografia Social, enquanto proposta de maior visibilidade nessa frente apresenta o Projeto Nova Cartografia Social do Amazonas – PNCSA e que faz parte de um projeto maior denominado Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil. Enquanto metodologia, tais propostas trabalham com mapeamentos sociais, que a partir de suas práticas inspiraram o surgimento de outros mapeamentos sociais pelo Brasil, de acordo com as demandas dos sujeitos que se auto-organizam para reivindicar direitos e/ou na gestão de seus espaços.

O mapeamento social é entendido como um conjunto de procedimentos de pesquisa que inclui o envolvimento da comunidade e dos pesquisadores, em contextos variados. POPAYAN (2005, p. 6 apud COSTA et al., 2016, p.82), esclarece as ações

metodológicas em Cartografia Social baseadas no eixo investigação-ação-participação e sistematização (Figura 1).

Figura 1: Quadro sobre os Fundamentos Metodológicos em Cartografia Social

- Na Investigação na Cartografia Social, a comunidade participa da investigação, aporta seus conhecimentos e experiências ao mesmo tempo que há troca. Os mapas se adequam e favorecem a cultura dos narradores orais, sendo que a construção coletiva de mapas permite a atualização da memória individual e coletiva;
- A Ação significa que o conhecimento de uma realidade permite atuar sobre ela. Trata-se de conhecer a realidade para transformá-la e não de investigar só pelo prazer de conhecê-la. Não se trata de qualquer tipo de ação ou ativismo, se busca antes de toda ação que se conduza à construção social;
- A Participação corresponde como processo permanente de construção social em torno dos conhecimentos, experiências e propostas de transformações para o desenvolvimento. A participação deve ser ativa, organizada, eficiente e decisiva. A comunidade deve participar de todo o processo investigativo.
- A Sistematização é compreendida como a recompilação de dados de uma experiência, sendo que aponta seu ordenamento ao encontrar as relações entre os elos e descobrir a coerência interna dos processos instaurados na prática. A sistematização deve ser um elemento fundamental para apreender.

Fonte: POPAYAN (2005, p. 6 apud COSTA et al., 2016, p.82)

Enquanto principais ferramentas e técnicas participativas utilizados Costa et al. (2016, p. 81) nos apresenta a Cartografia Efêmera; Croqui ou mapa de esboço; Mapas com escala; Maquetes ou os mapas modelados em 3D; Foto-mapas; Sistema de Posicionamento Global – GPS; Sistema de Informação Multimídia; e SIG.

No entanto Lima; Junior (2011) em seu artigo alertam sobre o uso dos SIG's e SIG's participativos, pois estas propostas exigem atenção em relação às instituições envolvidas nestes mapeamentos, principalmente envolvendo os conflitos territoriais. É preciso garantir que tais projetos visem realmente contribuir com as comunidades através de processos transparentes e que de fato venham a beneficiá-las. Atentando para que tais instituições com a enunciação de contribuir para um processo democrático, tenham como oportunidade o acesso à informação espacial e reconhecimento territorial dos locais dessas comunidades, pois o uso do SIG reflete também a dominância por parte dos agentes do capital.

Por fim, Lima; Junior (2011) apontam que é interessante pensar em formas análogas de mapeamentos, no intuito de contribuir na formação cartográfica da comunidade, para então representar espacialmente a sua realidade através de mapas manuscritos, desenhos e croquis, propiciando processos pedagógicos importantes.

Considerações finais

Uma revisão de literatura na busca de compreender um emaranhado cartográfico, linhas de fuga, alternativas, subversão ao que se estabeleceu enquanto Cultura Cartográfica. No intuito de trazer um breve panorama de possibilidades por meio da linguagem cartográfica, que permite fluir uma imaginação espacial, outras formas de relacionar lugares, pois pensar espacialmente influi nas práticas sociais cotidianas, em um espaço que é plural, com conflitos e sobreposições de territórios.

Tais Cartografias estão atreladas a produção do pensamento espacial, para apresentar uma multiplicidade espacial à Educação Geográfica, possibilitando reinventar o que até então se constituiu enquanto Cultura Cartográfica, e que tornou verdadeiro o que era linguagem. Nesse sentido, repensar a Cultura Cartográfica é também buscar no ensino de Geografia emancipar verdades absolutas.

Para tanto, é necessário ter clareza da importância da Cartografia para nós, professores de Geografia, pois está se apresenta como aliada as nossas práticas sociais, aliança altamente estratégica, por reconhecermos suas potencialidades, possibilidades e poder. Portanto, é pertinente centrar em um ensino de Geografia que possibilite aos nossos alunos estas compreensões, para que se apropriem desta linguagem para além do já estabelecido nos currículos formais, intensificando novas funcionalidades para a linguagem cartográfica.

Assim, esta revisão nos permite pensar algumas composições, por se tratar de um conjunto de diferentes perspectivas, teorias e metodologias que convergem para que possamos, frente à complexidade da problemática do ensino em Cartografia Escolar, traçar algumas estratégias para ampliarmos a compreensão acerca da Cultura Cartográfica e conseqüentemente produzir novas formas, por meio do processo criativo junto à linguagem cartográfica, de pensar e imaginar o espaço.

As linhas de fuga apontam para uma necessidade de aprofundamento teórico dos conhecimentos que permeiam a Cartografia, com ênfase para o entendimento desta enquanto linguagem. A teoria é que nos permitirá outras compreensões sobre as

possibilidades desta linguagem, produzindo assim criativamente novas propostas metodológicas e rearranjos com os saberes da Geografia.

Rearranjos, que possibilitam criar práticas que podemos adaptar e estar desenvolvendo nas aulas de Geografia, e que atentam para a possibilidade de deslocamento do poder de representação; relacionar técnica (mapear) e experiência (cotidiano); repensar o mapa, compreendendo este enquanto linguagem que emerge como gesto na cultura; desenvolvimento processual e coletivo.

Perspectivas que não descartam o que foi produzido até então, mas proporcionam um pensamento alargado do que conhecíamos e produzíamos. A Cartografia clássica será vista por lentes diferentes e a criatividade será mais bem vinda.

Não iremos anular a escala, mas iremos pensar em outras métricas para elaborar a mesma; os fusos horários demasiado pertinentes, vistos em um ponto de vista não só técnico, mas de como foram forjados e como influenciam as relações comerciais em um mundo globalizado; o mapa, uma linguagem que faz uso de variáveis visuais, mas que também deve ser interpretado pelo que opta em comunicar, pelo que oculta e como repercute em circulação conforme os objetivos de sua produção; a linguagem cartográfica como uma prática que reverbera nas formas de pensar sobre o mundo e, sobretudo organiza-lo.

Por fim, composições por levar em consideração que os saberes docentes, dentre outras características, são situados e personalizados, portanto as composições teórico-metodológicas que daqui podem emergir serão elaborações únicas, conforme as necessidades e características do movimento do educar geográfico que o leitor se dispõe.

Referências Bibliográficas

DA COSTA, Natane Oliveira. Cartografia Social uma ferramenta para a construção do conhecimento territorial: reflexões teóricas acerca das possibilidades de desenvolvimento do mapeamento participativo em pesquisas qualitativas. **Acta Geográfica**, p. 73-86, 2016.

DA ROCHA, Brenda Thais Galdino et al. Conflitos socioambientais no campo em apodirn: contribuições propositivas da cartografia social. **REVISTA GEOGRAFAR**, v. 11, n. 1, p. 99-112, 2016.

DAL PONT, Karina Rousseng. O mapa como criação de resistências. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, p. 146-164, 2014.

DAOU, Ana Maria Lima. Na floresta da cidade: experiências de mapeamentos sociais de indígenas na Amazônia urbana. **NAU Social**, v. 6, n. 10, 2015.

DE OLIVEIRA, Marilda Oliveira; MOSSI, Cristian Poletti. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 19, n. 3, p. 185-198, 2014.

DE RAMOS, Cristhine Fabiola; DA SILVA, Clayton Luiz. Conflitos da dinâmica sócio-espacial: a (trans) formação dos faxinais do município Pinhão-PR. **Acta Geográfica**, p. 1-14, 2016.

DO CANTO, Tânia Seneme. Cartografia e arte: novas linhas para pensar e falar de mapas, educação e geografia na atualidade. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, p. 131-145, 2014.

EVANGELISTA, Ana Nery Amaro et al. A construção de mapas sociais para o reconhecimento dos problemas ambientais e a busca da qualidade de vida da comunidade da praia das Fontes, Beberibe–Ceará. **REVISTA GEOGRAFAR**, v. 11, n. 1, p. 84-98, 2016.

FRANCO, Juliana Rocha. Cartografias subversivas e Geopoéticas. **Geografares**, n. 12, p. 114-137, 2012.

GIRARDI, Gisele. Apontamentos Para Uma Cartografia Da Cartografia Geográfica Brasileira (Indications for a Cartography of the Geographic Cartography in Brazil). **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, p. 237-250, 2011.

GIRARDI, Gisele. Cartografia Geográfica: Entre O “Já-Estabelecido” E O “Não-Mais-Suficiente”. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, p. 65-84, 2014.

GIRARDI, Gisele. et al. Cartografias alternativas no âmbito da educação geográfica. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.

GIRARDI, Gisele. Funções de mapas e espacialidade: elementos para modificação da cultura cartográfica na formação em geografia. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 4, n. 66/4, 2014.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. **PerCursos**, v. 13, n. 2, p. 39-51, 2012.

GIRARDI, Gisele. Mapas desejanter: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Pró-Posições, Campinas**, v. 20, n. 3, p. 60, 2009.

LIMA, Lucas Pereira das Neves Souza; JÚNIOR, Dante Flávio da Costa Reis. Mapas Sociais: gênese e aplicação na Amazônia brasileira. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.

OLIVEIRA JR, W. D. (2011). A educação visual dos mapas. **Revista Geográfica de América Central**, 1-16.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45-49, 2013.

SEEMANN, Jörn. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. **Geografares**, n. 12, p. 138-174, 2012.

SEEMANN, Jörn; DE OLIVEIRA CARVALHO, Mariano. Expedições geográficas e militância cartográfica para a Cartografia Escolar no Brasil. **Geografia Ensino & Pesquisa**, p. 123-136, 2017.

Recebido em 16 de abril 2020.

Aceito para publicação em 30 de outubro 2020.